

MUSEOLOGIA E EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA: DESAFIOS DO MUSEU COMUNITÁRIO

Tatiana Coelho da Paz Bezerra¹ ; Francisco Sá Barreto dos Santos²

¹Estudante do Curso Museologia- CFCH – UFPE; E-mail: tatianacoelhodapaz@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Antropologia e Museologia – CFCH – UFPE. E-mail: xicosabarreto@gmail.com .

Sumário: No centro de um conjunto de questões que revisitam o debate sobre a importância do conceito de nação e comunidade para o desenvolvimento de novos estudos sobre formas políticas do contemporâneo, este trabalho procura discutir os efeitos possíveis de uma teoria crítica do nacionalismo colonial e de um fetichismo da comunidade para abordar novas tipologias de museus, tomando o caso específico como museu comunitário como referência especular. Para isso, construímos quatro etapas de discussão, dedicadas, respectivamente, a uma discussão sobre a relevância contemporânea do conceito de nação e sua conexão com uma noção política de cultura (I); um debate sobre a relação possível entre as políticas de reconhecimento e um fetichismo do comunitário (II); um diálogo crítico entre Benedict Anderson e Partha Chatterjee sobre a noção de comunidades imaginadas (III); e, por fim, uma agenda para uma leitura pós-colonial das noções de comunidade e nação.

Palavras-chave: comunidades imaginadas; museu comunitário; teorias pós-coloniais

INTRODUÇÃO

Nos anos imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, uma série de novas medidas políticas e econômicas precisaram ser elaboradas para que um novo evento daquelas proporções fosse evitado. Esses esforços estariam traduzidos em um empreendimento de dupla face. A primeira delas deveria dar conta de novas formas de controle do social por um tipo “abrandado” de disciplina, com o desenvolvimento, por exemplo, de uma forte política do monumentalismo e a emergência de uma cultura da memória da dor – o Holocausto, nesse caso – como principal mecanismo para, ao mesmo tempo, esquecer e jamais esquecer os eventos das guerras do século (HUYSSSEN, 2000, 2014). A segunda face, por sua vez, deveria dar conta da elaboração de políticas de compensação dos efeitos diretos e indiretos das destruições produzidas por um sentido político amplo de guerra. A emergência dos movimentos de contracultura, uma nova organização dos movimentos sociais e o discurso de conquistas sociais intensamente baseado no direito, fazem parte de um conjunto de pressões e de espaços cedidos para, ao mesmo tempo, dar a um novo projeto de sociedade uma série de novas características e aliviar as tensões produzidas pela aniquilação da diferença, traço tão característico do mundo nazista. Não seria exagerado ligar a elaboração de políticas de reconhecimento, por exemplo, à “descolonização” de nações africanas e às novas políticas de imigração. Cada um dos dois eixos expostos acima exige leitura mais cuidadosa do que a apresentada. Contudo, há elementos em comum entre eles já suficientemente colocados para o problema que, neste trabalho, pretendemos abordar. Aquilo que faz das duas faces eixos de um mesmo empreendimento é certamente a tomada da cultura como vetor renovado para se discutir qualquer ação política ou econômica de proporções globais ou não (YÚDICE, 2004).

MATERIAIS E MÉTODOS

Em nossa pesquisa, elaboramos discussões a respeito dos temas apresentados acima a fim de compreender novas dinâmicas na produção espaços e lógicas de representação patrimonial/memorial do Outro/diferente/desigual. Nosso trabalho foi construído em quatro momentos de discussão e coleta de material, cada um com duração de três meses, assim como foi planejado, que foram: novas tipologias de museu: o nascimento do Outro como objeto renovado da investigação em Museologia (I); políticas do reconhecimento e linguagens contemporâneas para inclusão do Outro (II); diferença, desigualdade e disciplina: o controle pela memória, a vigilância pelo patrimônio (III); e desafios contemporâneos: uma agenda para uma ecologia de saberes (IV).

RESULTADOS

A nós, o conceito de nação e os estudos sobre as formas contemporâneas do nacionalismo ainda são caros pelo exercício da denúncia das sofisticções de suas linguagens políticas, fazendo ser possível, como pretendemos observar nesse texto, que uma agenda política libertária seja na íntegra comprometida pela agência “abrandada” do Estado. Assim, rasurando os tradicionais estudos nacionais, Chatterjee projeta como agenda política contemporânea os estudos do que chamaria de nacionalismos comunitários locais. Mais que isso, nos interessa, como exercício político muito caro a uma crítica museológica, o debate estendido da noção contemporânea de colonialidades. Seriam elas o espírito de uma política de atualização da administração sobre a diferença. Se não parece difícil aos críticos mais distraídos indicar o ocaso dos programas coloniais com a queda do Muro de Berlim, depois de toda a discussão apresentada é bastante razoável concluir que o colonialismo está bem traduzido naquilo que poderíamos chamar de uma política das colonialidades. Mais poderosas do que as políticas de Estado – e isso só faz ser ainda mais importante a noção não debatida aqui de biopolítica –, as micropolíticas de Estado estão traduzidas no que se sugere como “agência mínima”, “requalificação urbana”, “desenvolvimento sustentável”, “economia criativa” e um enorme conjunto de sofisticados arranjos para fazer do Outro a bola da vez de uma complexa política de gestão das desigualdades. Toda uma “nova” tipologia de museus, tais como a do museu comunitário, é objeto dessa demanda.

DISCUSSÃO

O mote para as reuniões de pesquisa que melhor caracterizam as etapas cumpridas pelo bolsista, transformado em desafio central para tal empreendimento, pode bem ser resumido na questão problema que segue: **pode o museu funcionar como dispositivo de reconstrução contemporânea da experiência democrática?** A partir dessa questão, desenvolvemos, diante dos desafios propostos, etapas de trabalhos que organizaram as atividades a partir de exercícios fundamentos para a pesquisa científica, os quais foram:

a) Analisar e problematizar o conceito de **comunidade**, a partir de leituras de autores dos estudos críticos de cultura e de teóricos da pós-colonialidade. É o caso da investigação sobre o conceito de comunidade/identidade em Benedict Anderson, Chatterjee, Yúdice e Castells. A discussão a partir desses autores ocupou nossa agenda de reuniões no primeiro semestre da pesquisa.

b) Desenvolver as questões levantadas pelas leituras ainda faz parte dos exercícios a serem desenvolvidos no segundo semestre da bolsa.

c) Também no segundo semestre, foi realizado o exercício de pesquisar, coletar e selecionar material técnico-bibliográfico que tomam a tipologia do museu comunitário como referência. A aluna ficou responsável pela pesquisa, coleta e seleção de artigos, catálogos, textos expográficos e monografias que tivessem a reflexão sobre o comunitário no museu como objeto.

d) Análise do material coletado com a pesquisa sobre tipologias de museus. Com essa análise foi possível desenvolver críticas e tomar exemplos de funcionamento de museus comunitários.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento deste trabalho alcançou resultados satisfatórios para nossa pesquisa. A problematização do lugar do museu a partir das suas tipologias nos levou à discussão dos mecanismos de tradução do campo patrimonial como um ponto de partida para estudar as demandas por reconhecimento características do cenário político dos anos imediatamente seguintes ao 1945. As políticas de reconhecimento como apenas primeira etapa para, de um lado, sofisticado empreendimento de (re)quadriculamento do Outro ou, de outro lado, mote para uma revisão paradigmática do conhecimento sobre a diferença/desigualdade. Dessa forma, compreendemos a relação entre patrimônio, monumento e memória como cruzamento sintomático para um tempo orientado por atualizações nos dispositivos de vigilância e tutoria (etnocentrismo) dos hábitos, práticas e saberes comuns, que são, por vezes, fomentados por instituições do governo. Articulado ao debate do que é o comunitário no museu, está nossa reflexão sobre a experiência democrática proporcionada com as tipologias de museus e as políticas de reconhecimento. Para isso, discutimos sobre a emergência de uma ecologia de saberes como ponto de partida para reflexões ampliadas sobre novas possibilidades para a experiência democrática. As políticas voltadas para os museus, na análise deste trabalho, não alcançam a demanda global de mobilizações por alargamento das ações que tratam de representações ou políticas democráticas. Dessa forma, a museologia se encontra no lugar de objeto de cuidadosa análise das suas medidas de ações em um momento que requer cada vez mais engajamento político-social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq e à UFPE, por tornar possível a realização deste trabalho que me deu a oportunidade de iniciar a pesquisa científica e a experiência acadêmica, e ao meu professor e orientador Francisco, que me incentiva e apoia desde o início do curso com conselhos e ótimas críticas construtivas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Que és un paradigma?* IN Signatura rerum: sobre el método. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2009.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRULON, Bruno . Os mitos do ecomuseu: entre a representação e a realidade dos museus comunitários. Musas (IPHAN), v. 7, p. 28-45, 2014.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação, Volume 2 – O Poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CHATTERJEE, Partha. *La Nación en Tiempo Heterogéneo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2008.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed.UFBA, 2008.

FORTUNA, Carlos & LEITE, Rogério Proença. *Diálogos Urbanos*. Coimbra: Ed. CES, 2013.

HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Unicamp, 2007.

PEIXOTO, Paulo. *A identidade como recurso metonímico dos processos de patrimonialização*. Lisboa, 2008.

_____. *Patrimônios Mundiais*. 2010.

RAWLS, John. *El Liberalismo Político*. Barcelona: Editorial Critica, 2004.

RORTY, Richard, “Verdade, universalidade e política democrática” IN SOUZA, José Crisóstomo de. *Filosofia, Racionalidade, Democracia*. São Paulo: UNESP, 2005.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes* IN SOUSA SANTOS, Boaventura de & MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2010. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

TAYLOR, Charles. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

YÚDICE, George. *A Conveniência da Cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. *Multiculturalismo, ou a lógica cultural do capitalismo multinacional*. IN ŽIŽEK, Slavoj et al. *Žižek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.